

Grupos de pesquisa e a construção da identidade docente: interseções de trajetórias individuais e coletivas e a produção de conhecimento**Laboratoires de recherche et la construction de l'identité enseignante: intersections des trajectoires individuelles et collectives et la production de savoirs**

Larissa de Souza Arruda¹
Universidade Federal de Minas Gerais

Diego José²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rahissa Oliveira de Lima³
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Os grupos de pesquisa são essenciais na área de Letras por proporcionarem estrutura acadêmica para a produção e disseminação do conhecimento. Este artigo faz uma breve contextualização histórica desses grupos, destacando seus objetivos e a regulamentação pelo CNPq, entidade criada em 1951, que assegura a credibilidade dessas iniciativas. Compartilhamos aqui a nossa experiência pessoal-profissional em grupos de pesquisa, desde a graduação até o presente momento, enquanto professores universitários e da rede básica. Além disso, ressaltamos a importância da participação nesses grupos para o nosso crescimento enquanto educadores-pesquisadores, visto que a construção de um pensamento crítico e científico também se concretiza através dos encontros, leituras e discussões promovidos nesses coletivos — bem como da efetiva participação em congressos e publicações acadêmicas. Em uma área que pode ser por vezes solitária, os grupos de pesquisa oferecem também um espaço para colaboração e construção coletiva da identidade profissional docente, favorecendo a ampliação da rede de contatos com outros pesquisadores. A partir da nossa memória pessoal e profissional, discutimos acerca dos grupos de pesquisa HEMEPOL (UFRN) e LENUFFLE (UFF), suas histórias, produções e projeções futuras, assim como suas contribuições dentro do nosso campo de atuação.

Palavras-chave: Grupos de pesquisa. Identidade profissional docente. Colaboração acadêmica

¹ Professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora e mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui licenciatura em Língua Portuguesa e Francesa pela Universidade Federal de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3772-3734>

² Possui graduação em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Paraíba. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordena investigações sobre Historiografia da Linguística e ensino de espanhol dentro do grupo de pesquisa HEMEPOL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6021-5079>

³ Licenciatura em Língua Portuguesa e Francesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bacharelado em Tradução (Francês), mestrado na área de Teoria da Literatura na mesma instituição. Doutorado em andamento pelo Centro de Educação da UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0169-2198>

Résumé

Les laboratoires de recherche sont essentiels dans le domaine des Lettres, car ils fournissent une structure académique pour la production et la diffusion des connaissances. Cet article propose une brève contextualisation historique de ces groupes, en soulignant leurs objectifs et la réglementation par le CNPq, une entité créée en 1951, qui assure la crédibilité de ces initiatives. Nous partageons ici notre expérience personnelle et professionnelle au sein des groupes de recherche, depuis notre formation jusqu'à aujourd'hui, en tant qu'enseignants-chercheurs universitaires et de l'éducation de base. De plus, nous soulignons l'importance de la participation à ces groupes pour notre développement en tant qu'enseignants-chercheurs, car la construction d'une pensée critique et scientifique se concrétise également à travers les rencontres, lectures et discussions organisées dans ces collectifs — ainsi que par la participation active à des congrès et publications académiques. Dans un domaine qui peut parfois être solitaire, les laboratoires de recherche offrent également un espace de collaboration et de construction collective de l'identité professionnelle enseignante, en plus d'élargir le réseau de contacts avec d'autres chercheurs. À partir de notre mémoire personnelle et professionnelle, nous discutons des groupes de recherche HEMEPOL (UFRN) et LENUFFLE (UFF), de leur histoire, de leurs productions et de leurs projections futures, ainsi que de leurs contributions dans notre champ d'activité.

Mots-clés : Laboratoires de recherche. Identité professionnelle enseignante. Collaboration académique

Introdução

A forma como pesquisadores se associam para ampliar as possibilidades de diálogo e de resultados de pesquisa pode ser mensurada através da formação de grupos institucionais específicos. Noutras palavras, especialistas do mundo todo, no geral, a partir de suas afinidades acadêmicas, se reúnem em grupos de pesquisa para levar adiante o fazer científico em diversas áreas do conhecimento. Dentro do campo da Historiografia da Linguística, Stephen Murray, em seu estudo *Theory groups and the study of languages in North America: a social history*, de 1994, caracterizou a gênese e a manutenção de grupos científicos academicamente organizados e dirigidos em favor de uma especialidade. O autor definiu as etapas por que esses grupos passam para o alcance da própria legitimidade, a imagem que os cientistas constroem de si e sobre os colegas e, do ponto de vista discursivo, analisou a assunção de uma postura de ruptura ou de continuidade desses grupos com outras teorias elaboradas por outros grupos.

A noção de *grupo de especialidade*, nesse sentido, dirige seus fundamentos a uma coletividade e não necessariamente à figura de uma única pessoa. No entanto, para Murray (1994), ainda que um pesquisador atue ligado a uma rede de outros pesquisadores, reforçando a ideia de grupo de especialidade, a figura do líder intelectual/organizacional é de extrema importância para o estabelecimento e reconhecimento de grupos, sobretudo porque é através dele e de seus esforços de convencimento de outros expertos para objetos e objetivos científicos em comum, afinal o líder é capaz de articular a promoção de debates, congressos, publicações e discussões públicas a fim de, desse modo, ter suas ideias ratificadas. Assim, embora não necessariamente um ente individual, o líder é, através de suas ações para com o

conjunto de outros pesquisadores, em grande medida, o responsável pela fundação e desenvolvimento de um grupo de especialidade.

Contudo, grupos de pesquisas baseados em especialidades são também exemplos da fundamental relativização que se deve fazer em torno do conhecimento científico visto como “verdadeiro”. Isso porque a formação e atuação dessas organizações levantam o questionamento sobre até que ponto os valores ideológicos de determinados grupos interferem no que é produzido e na forma como uma teoria é recebida. Nas palavras de Batista (2013, p. 91), “o conhecimento é resultado de uma articulação social ou é o próprio conhecimento que produz a articulação social?”.

Os questionamentos de Murray e Batista (2013), para além de nos provocar, também podem sublinhar o fato de que existe uma relação entre grupos de pesquisa e a construção identitária do pesquisador. Noutra perspectiva, essas associações entre pessoas com afinidades acadêmicas terminam por estabelecer uma agenda científica, um modo de fazer pesquisa, um olhar distinto sobre o mesmo objeto. Mais do que isso, os grupos sedimentam e sustentam um campo de estudo, fazem-no vivo e questionável — como a Ciência deve ser. Desse modo, a reflexão sobre a dinâmica das identidades acadêmicas individuais e coletivas é inevitável.

A trajetória acadêmica alicerçada em grupos de pesquisa dos três autores deste artigo se inicia entre os anos de 2010 e 2011, ainda na graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ocasião esta em que participamos do Programa de Educação Tutorial (PET). Àquele momento, o programa era coordenado pelo Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e custeado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Alunos de diversas habilitações integravam o grupo, cujo principal objetivo era a qualificação da formação de (futuros) professores de línguas através do consistente exercício do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

A presença do PET em nossas vidas acadêmicas se estendeu até o final da graduação, em 2013. Com a experiência do programa, com as discussões a que tínhamos acesso durante as reuniões do grupo, com os eventos que organizamos, as ações de pesquisa de pesquisa e fomento do ensino, sem dúvida nos abriu portas para a construção de caminhos dentro da pós-graduação e do ensino de línguas. Para se ter uma ideia, de acordo levantamento de dados obtidos a partir de processos seletivos do PET-Letras/UFPE nos anos de 2010 e 2011, entre os integrantes desse período, cerca de 80% foram absorvidos em programas de mestrado em Educação ou em Linguística. De algum modo, esse primeiro contato, ainda na formação inicial, nos deu ferramentas para forjar identidades docentes, como a de professores-pesquisadores.

Este artigo objetiva estabelecer relação entre a nossa trajetória enquanto professores-pesquisadores e nossa participação em grupos de pesquisa acadêmica. Como escrevemos coletivamente o texto, trata-se da união e da reflexão sobre três narrativas. Desse modo, trazemos falas coletivas, mas também nossas vozes individuais. Começaremos com algumas informações relativas a grupos de pesquisa institucionais, de maneira mais geral, e em seguida abriremos espaço para as nossas histórias e as considerações acerca de como integrar grupos de pesquisa corrobora a construção da nossa identidade profissional de professores-pesquisadores.

Grupos de pesquisa e a construção identitária do professor-pesquisador

Os grupos de pesquisa desempenham um papel crucial no desenvolvimento científico e na formação de novos pesquisadores, bem como na integração deles no meio acadêmico graças às trocas entre pesquisadores menos experientes com outros veteranos, possibilitadas por esses grupos. Esses coletivos são definidos como espaços onde ocorre a interdependência de tarefas, o compartilhamento de responsabilidades pelos resultados e a cooperação na solução de questões complexas (Shoulson, 20024; Degn *et al.*, 2018).

No Brasil, a importância dos grupos de pesquisa é formalmente reconhecida e suportada por estruturas institucionais robustas, como o Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP), administrado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fundado em 1951, o CNPq é a principal agência de fomento à pesquisa científica e tecnológica no Brasil, desempenhando um papel fundamental na organização e suporte dos grupos de pesquisa. A plataforma DGP, criada em 1992, oferece um registro detalhado e atualizado desses grupos no país, incluindo informações sobre sua formação, áreas de atuação, instituições participantes e impacto dos trabalhos desenvolvidos.

Essas informações demonstram que os grupos de pesquisa no Brasil são mais do que simples reuniões de pessoas para discutir ideias; eles são estruturados e monitorados por uma plataforma oficial que assegura a seriedade e a relevância das atividades desenvolvidas. Através da DGP, é possível realizar um planejamento acadêmico, institucional e político-administrativo, resguardando a memória e a história da pesquisa no Brasil. Essa estrutura não apenas incentiva a colaboração entre pesquisadores, mas também promove a integração de diferentes áreas do conhecimento – fato que contribui para o avanço científico e tecnológico do país.

De acordo com Mainardes (2022), grupos de pesquisa possuem maior relevância para as áreas ligadas à medicina e à saúde, ao passo que para a área das ciências naturais (Física, Química, Biologia, Geografia, Astronomia) é mais importante a realização de pesquisa dentro de uma rede internacional. Significa que precisamos partir do pressuposto de que cada área possui as suas particularidades, não sendo, portanto, relevante, comparar quantitativa e qualitativamente áreas distantes em suas próprias naturezas. Aqui, a área que cabe à nossa discussão é a de Linguística, Letras e Artes.

Segundo dados do censo dos grupos de pesquisa do DGP e do CNPq, realizado no Brasil em 2023, do total de 42.852 grupos, 3.497 eram da área de Linguística, Letras e Artes (8,16%) e, do conjunto de 247.455 pesquisadores, 21.630 pertenciam a esse campo (8,74%). Tais números colocam essa área como uma das menores em termos de número de grupos e de pesquisadores, de acordo com os padrões de classificação do CNPq. Diante desse quadro, as investigações sobre grupos de pesquisa nessa área emergem como um objeto de estudo relevante.

Conforme referem Guimarães, Lourenço e Cosac (2001, p. 323), a definição mais importante na constituição da base de dados do Diretório é a de sua unidade de análise, que é o grupo de pesquisa. Este se define como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, no qual o fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico e tecnológico.

Além disso, existe envolvimento profissional e permanente do grupo com atividades de pesquisa, e o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa. Seus integrantes, em algum grau, compartilham instalações, equipamentos, ideais e aporte metodológico. De acordo com Feldman *et al.* (2013), os grupos de pesquisa podem ser entendidos tanto como comunidades de prática quanto como comunidades epistêmicas. Como comunidades de prática, compartilham interesses e práticas específicas, enquanto como comunidades epistêmicas, eles são espaços de produção e validação de conhecimento científico.

Isso significa, pois, que fazer parte de um grupo de pesquisa é compartilhar interesses em comum em torno do fazer Ciência. Mutuamente, há a colaboração coletiva em prol do crescimento acadêmico de todos que integram um determinado grupo. Diferentemente de áreas como das ciências naturais, em que frequentemente há a colaboração de diversas partes para se produzir ciência, na área de Letras muitas vezes o trabalho é bastante solitário, a cultura de pesquisa é diferente. Para Mainardes (2022, p. 5), essa ideia é corroborada quando afirma que

nas ciências humanas, os grupos de pesquisa, muitas vezes, configuram-se mais como espaços de estudos e discussão, sendo que os participantes desenvolvem seus projetos individuais. No entanto, há muitos grupos que utilizam os encontros para atividades de orientação coletiva.

Muitas vezes pesquisamos isoladamente, publicamos individualmente, não havendo trocas entre pares. Integrar um grupo de pesquisa é uma maneira de conhecer um olhar diverso ao nosso olhar de abordagem, e quem sabe até um olhar contraditório que pode desafiar e alimentar pesquisas individuais, oportunizando, assim, o crescimento acadêmico a partir do coletivo no coletivo.

No geral, os objetivos e finalidades de um grupo de pesquisa são diversos e abrangem a promoção da colaboração científica, o aumento da produtividade acadêmica e o desenvolvimento profissional dos seus membros (Degn *et al.*, 2018). Participar de um grupo de pesquisa pode levar a um aumento significativo na produtividade e no desenvolvimento dos pesquisadores, proporcionando um ambiente propício para a troca de conhecimentos, ideias e suporte emocional, necessário para a atividade científica rigorosa (López-Yáñez; Altopiedi, 2015). Em nossos relatos mais adiante veremos alguns exemplos reais da importância de se integrar um grupo de pesquisa para o crescimento acadêmico individual e também coletivo.

Seguindo a linha teórica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), os sujeitos são considerados dialógicos, o que significa que não podemos analisá-los de maneira isolada e independente. A identidade de cada indivíduo é uma construção coletiva de um todo mais amplo. Participar de um grupo de pesquisa proporciona um ambiente rico em interações e trocas de experiências, em que professores em formação têm a oportunidade de dialogar com outros pesquisadores e professores experientes. Essas interações são fundamentais para a construção da identidade do professor-pesquisador, pois permitem que ele integre diversas vozes e perspectivas em sua própria prática e desenvolvimento profissional.

A identidade profissional docente é caracterizada por esse dialogismo, como bem afirma Reichmann (2012, p. 103), ao dizer que compreende “[...] a identidade docente como sendo (re)configurada pela distribuição de vozes de outros e de si que ecoam em textos produzidos por professores em formação”. Ao participar de um grupo de pesquisa, o professor-pesquisador está constantemente exposto a novas ideias, métodos e abordagens que contribuem para sua (re)configuração identitária. Esse processo colaborativo não só enriquece seu conhecimento acadêmico e científico, mas também fortalece sua capacidade de reflexão crítica e inovação pedagógica, elementos essenciais para uma prática docente efetiva e transformadora. Fazemos coro com o questionamento, seguido de afirmação, de Galli e Santos (2016, p. 386) “um bom pesquisador/professor é o que age tecnicamente ou o que atua participativamente? Perspectivados sob a ótica de que o sujeito se constitui na interação com o outro, somos inclinados a optar pela segunda alternativa”.

Diante desse contexto, a partir de nossas próprias histórias que serão aqui narradas, o presente artigo busca contribuir para as discussões sobre grupos de pesquisa na grande área de Letras, explorando suas características, desafios e potencialidades metodológicas, com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre sua importância e funcionamento.

Relato professora 1

Entre 2009 e 2013, cursei a licenciatura dupla em Letras Português-Francês na UFPE. Durante esse período, integrei o PET-Letras-UFPE e participei de um grupo de pesquisa, experiências que foram fundamentais para a construção da minha identidade como professora e pesquisadora. A seguir, compartilho um pouco sobre o grupo de pesquisa e os caminhos que ele abriu para mim.

Em 2012, houve a criação de um grupo de pesquisa de língua francesa na UFPE, o LENUFLE⁴ (Letramento *Numérique* do Francês como Língua Estrangeira). Graças ao meu interesse pelo ensino-aprendizagem dessa língua, a líder do grupo, que era minha professora, me convidou para integrá-lo, tão logo eu aceitei e começamos a trabalhar juntas. A primeira pesquisa que desenvolvemos foi uma cartografia do ensino de francês na cidade do Recife, em que investigamos onde havia o ensino de francês naquela cidade. Como resultados, consegui publicar o artigo *Uma reflexão sobre o ensino de francês em Recife*, no volume Especial Francofonia 2013/2014 na Revista Ao pé da Letra⁵, foi a minha primeira publicação acadêmica.

No ano de 2013, fui convidada pela líder do referido grupo de pesquisa a assumir uma turma de francês do programa FOS/FOU *Génie*. Tratava-se de uma parceria entre o grupo de pesquisa e o programa BRAFITTEC⁶, em que nós, estudantes da licenciatura em Letras Português-Francês, dávamos aulas de francês com objetivos específicos para preparar

⁴ Em 2018, a líder do grupo foi transferida para a Universidade Federal Fluminense e o nome do grupo foi adaptado para LENUFFLE (LEtramento NUMérique da Fluminense para o FLE).

⁵ Revista voltada para os alunos da graduação em Letras | <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/pedaletra/issue/view/2347>.

⁶ O BRAFITTEC (BRAsil France Ingénieur TECnologia) é um programa de mobilidade desenvolvido no âmbito da cooperação entre o Brasil e a França e que se organiza por meio de parcerias universitárias nas diferentes áreas de Engenharia.

candidatos ao programa de mobilidade. Eu dei aula por pouco tempo nesse projeto, no entanto foi bastante relevante para a minha formação, pois pude entrar em contato com o campo do ensino de francês para fins específicos/com objetivos universitários.

Também em 2013, eu vi uma chamada para o XIX Congresso Brasileiro de Professores de Francês, que aconteceria em novembro do mesmo ano em Niterói, no Rio de Janeiro. Esse congresso de periodicidade bianual é o evento acadêmico mais importante de professores de francês em nosso país. Eu fiquei muito interessada em participar e o grupo de pesquisa não poupou esforços em me ajudar para que eu fosse, desde a preparação do resumo para submissão até a conseguir ajuda de custo junto ao Consulado Geral da França em Recife para minha participação. Era o meu primeiro grande evento de nível nacional e foi imprescindível ter todo o apoio do LENUFLE ao longo desse processo. Ao buscar trocas de e-mail da época, encontrei uma mensagem em que a líder do grupo me incentivava a participar de tal evento, ela escreveu: “Bravo, la fille, bon courage et si tu veux je serai toujours là pour te donner un coup de main, grosse bise”⁷.

Eu tenho plena consciência de que se eu não tivesse tido o encorajamento e orientação da líder do grupo de pesquisa LENUFLE, eu não teria participado desse evento, que foi de extrema importância para o meu futuro profissional. Me explico: naquele evento, conheci o professor Luiz Carlos Balga Rodrigues, professor da Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que viria a ser o meu orientador de mestrado (2014-2016) e de doutorado (2016-2020). Além dele, conheci nomes de extrema importância para a área do ensino de língua francesa no Brasil, como as professoras Cristina Pietraróia (Universidade de São Paulo/USP) e Mariza Zanini (Universidade Federal de Pelotas/UFPel), além do professor Dário Pagel (Universidade Federal de Sergipe), entre outros professores. Neste evento, apresentei um pôster com os resultados da pesquisa que havia realizado no contexto do grupo LENUFLE, intitulado *UN PANORAMA DU FLE À RECIFE : réalités et perspectives*⁸.

Dali em diante, seguimos produzindo bastante no contexto coletivo do grupo de pesquisa. Em 2017, houve a promoção do Ciclo de Palestras LENUFLE, o qual participei como apresentadora. Ainda em 2017, participamos do XXI Congresso Brasileiro de Professores de Francês, em Aracajú, onde também apresentei trabalho. Em 2021 e 2022, anos em que vivemos o isolamento social devido à pandemia da Covid-19, seguimos realizar mensalmente reuniões on-line, o que também nos possibilitou realizar, coletivamente, um trabalho de tradução de um livro⁹ e a elaboração de um artigo — este de minha autoria com mais três colegas do grupo (uma delas sendo a professora 2, que também escreve este texto comigo, sobre essa experiência, intitulado *Escolas Sem Muros: narrativas sobre escolas da resistência*, um relato do processo tradutório de uma obra além-fronteiras para o português brasileiro¹⁰ (ARRUDA *et al.*, 2022a). No fim de 2022, eu e mais uma integrante do grupo de pesquisa,

⁷ Tradução nossa: Bravo, garota, boa sorte e, se você quiser, estarei sempre aqui para te dar uma mãozinha, grande beijo.

⁸ Tradução nossa: Um panorama do FLE em Recife: realidades e perspectivas.

⁹ Livro original: <https://www.editions-harmattan.fr/catalogue/livre/lecole-sans-murs/15226> | Livro traduzido: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/112>

¹⁰ <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5136>

também a professora 2 deste artigo, apresentamos um trabalho no XXIII Congresso Brasileiro de Professores de Francês, dessa vez em Cuiabá.

Além disso, temos outros trabalhos publicados em conjunto, a professora 2 deste artigo e eu. Esses projetos reforçam a importância do grupo de pesquisa na geração de conhecimentos e produtos acadêmicos coletivos, como evidenciado ao longo deste relato.

Gostaria de concluir este relato mencionando dois acontecimentos em 2023 que ressaltaram a importância dos grupos de pesquisa na minha trajetória acadêmica: Primeiro, a líder do grupo me convidou para ser vice-líder do LENUFFLE, uma honra que reconheço como um marco na minha história, dado o valor que atribuo a esse grupo. Segundo, fui convidada a integrar o grupo de pesquisa HEMEPOL/UFRN, liderado pelo professor 3, coautor deste artigo, o que ampliou minha rede de colaborações e fortaleceu minha conexão com colegas na área.

Relato professora 2

Durante minha trajetória universitária na UFPE, houve dois grandes marcos que modificaram os meus processos de formação de autonomia e autoria profissional docente: a participação no PET-Letras-UFPE, com a orientação da professora Lívia Suassuna, e o processo de fundação do grupo de pesquisa LENUFLE, sob a orientação da professora Joice Armani Galli. De 2009 a 2011, o Letorado de Francês da UFPE parecia fadado ao fim com poucos alunos inscritos nos cursos de bacharelado e de dupla licenciatura no antigo perfil de Licenciatura dupla em Português-Francês. Não havia possibilidade de debate entre pares, publicações escassas e uma dispersão e desconexão do curso no comparativo com os outros perfis.

Em 2011, o ingresso no PET foi a primeira experiência que tive de articulação prática entre os três pilares de formação do professor-pesquisador. As participações na organização das Jornadas Pedagógicas do Programa, as reuniões de planejamento e discussão de textos, as redações em coletivo dos primeiros projetos de investigação científica em educação e a participação em projetos de extensão voltados para o público da escola pública, espaço em que atuo até os dias de hoje em Pernambuco. Foi na extensão que nasceu o projeto piloto *Le français en chantant*, uma parceria entre o PET-Letras e a Prefeitura do Recife. O projeto, que consistia em levar a língua francesa para a cena da escola pública, foi orientado pela líder do grupo e teve sua continuidade no já citado LENUFLE por mais 1 ano. Além desse projeto, também participei como colaboradora do projeto de implementação de turmas de francês *Les Crabes*, na biblioteca comunitária da comunidade Caranguejo Tabaiaries, em Recife, projeto este idealizado pela líder do grupo e por outra participante do grupo, a professora Lorena Santos.

De 2011 a 2013 minhas participações no LENUFLE tornaram possível minha primeira publicação de artigo científico, *A Língua Francesa no CAC - UFPE e sua interface com o manual REFLETS* (LIMA, 2012), na revista *Ao pé da Letra*, assim como relatado pela professora anterior, foi nessa revista e graças ao grupo de pesquisa que pude publicar pela primeira vez. Além dessa publicação. Outra publicação minha foi nos Cadernos de Extensão da UFPE (Galli; Aubin; Lima, 2014), dessa vez um relato transformado em artigo do projeto

de extensão pelo qual fui responsável, foi escrito e publicado conjuntamente com as professoras Simone Aubin e Joice Galli. Dessa publicação ficam as aprendizagens referentes ao processo coletivo de produção de um texto acadêmico concebido por várias mãos. As ações do grupo sem dúvida pavimentaram o meu caminho para o intercâmbio assalariado como Professora Assistente na França, de 2013 a 2014, e para uma maturidade do meu percurso professoral. No mesmo contexto, também participei de ações de implementação de turmas preparatórias de língua estrangeira (francês) no contexto específico de programas como o Ciências Sem Fronteiras e Brafitec. Além da oferta de aulas, produção de material didático, esse período também foi coroado de reflexões sobre a prática docente, pude mais uma vez compreender na prática o tripé de pesquisa, ensino e extensão.

O LENUFFLE também contribuiu para que eu experimentasse trabalhar com uma gama diversa de discentes, essencial para o meu papel como professora da rede pública do estado de Pernambuco e como professora da rede municipal do Paulista. Durante meu mestrado em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pude contar com a presença da líder do grupo em minhas bancas de qualificação e defesa, ainda que não tenha seguido na área de língua estrangeira. O grupo de pesquisa também me oportunizou conhecer diferentes pontos de vista sobre a educação e isso influenciou a escolha da área do meu doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFPE. Além dessa influência, mais uma vez me deparo com a participação em atividades extensionistas atreladas a minha pesquisa doutoral. Ainda participo do grupo em um esforço que marca a superação de uma barreira imposta pela ideia ainda persistente que o professor da educação básica não sabe, ou ainda não deseja, fazer pesquisa. O grupo continua a me formar professora-pesquisadora a cada dia. Atualmente, o grupo tem sua sede na Universidade Federal Fluminense (UFF) e ampliou seu leque de interação com outras línguas estrangeiras e com a expressão literária, além de ter atualmente uma expressiva produção na área das Tecnologias de Informação para o Ensino (TICE) e do ensino de francês para objetivos específicos.

Relato professor 3

Minha trajetória acadêmica integrada a grupos de pesquisa, como o PET-Letras-UFPE durante a graduação, e o DECOLIDE/UFBA (Decolonialidade, Linguagem, Identidade e Educação), de algum modo forjaram o meu desejo de também construir um grupo em que pudesse ter a colaboração de pesquisadores que admiro, cujo trabalho sério me inspira, além de divulgação de trabalhos relacionados com meus campos de interesse.

Assim, o grupo de pesquisa Historiografia, Ensino, Memória e Políticas Linguísticas (HEMEPOL/UFRN) nasceu da necessidade de, como docente universitário, construir um “local virtual” em que eu pudesse, através dos campos de estudo presentes no título do grupo, reunir pesquisadores e suas ideias sobre Historiografia, Memória e Políticas Linguísticas – tudo isso, sempre que possível, articulado a questões de ensino.

Os “tentáculos” teóricos que o HEMEPOL abriga guardam relação com minhas áreas de interesse e com o que vejo, atualmente, como possibilidades de objeto e de objetivos de estudo. Nesse sentido, articulando-se essas áreas, o grupo de pesquisa nasce em 2023 a partir de duas frentes: um projeto de pesquisa, já concluído, intitulado *Idel Becker em três tempos*:

análise historiográfica de sua abordagem lexical no ensino de espanhol para brasileiros e uma ação extensionista chamada Grupo de estudo - elaboração de projetos de pesquisa de língua espanhola a partir da Historiografia da Linguística. Na ocasião, duas estudantes da graduação em Letras/Espanhol da UFRN frequentaram o grupo e, ao final do semestre letivo apresentaram, durante a *1ª mostra de pesquisas HEMEPOL*, os trabalhos por mim orientados, *A gramática da FENAME (1968): único instrumento linguístico de língua espanhola voltado à escola básica durante o regime militar brasileiro*, e *A Gramática del Colegio (1944)*, de Beatriz de Chacel: o *boom* dos materiais didáticos de espanhol e a (única) autoria feminina.

Outra ação de extensão ligado ao HEMEPOL foi o *podcast* HEMEPOL entre.vistas. Abrigado na plataforma de áudio *Spotify*, o produto objetiva dar voz a pesquisadores brasileiros e estrangeiros cujo escopo teórico recaia sobre as linhas em que o nosso grupo atua. Produzido, roteirizado e dirigido por mim, a primeira temporada contou com 5 entrevistas: *A pesquisa em Historiografia da Linguística no Brasil*, com Leonardo Gueiros (UFPB); *História das disciplinas escolares e o caso do espanhol no Brasil*, com Anselmo Guimarães (UFS); *História das políticas linguísticas para ensino de línguas estrangeiras no Brasil*, com Larissa Arruda (UFMG); *História da formação de professores no Brasil: ecos de uma tensão teórico-prática*, com Elaine Lima (UFPE); e *Historiografía de la Lingüística en Argentina: puntos de partida, implicaciones, perspectivas*, com Esteban Lidgett (UBA).

O HEMEPOL também está no *instagram*, na conta @hemepol.pesquisa. Nesse espaço, empreendo conteúdo teórico, ligado às linhas do grupo de pesquisa. O objetivo com isso, claro, além da divulgação do que estamos construindo, é também democratizar alguns conceitos e maneiras de refletir sobre a língua materna e estrangeira.

O grupo hoje conta também com outras pesquisadoras do Brasil: Flávia Farias (UFRPE), Larissa Arruda (UFMG) e Marina Gomes (UFPE). De algum modo, mesmo à distância, estamos sempre em contato afetivo e teórico, seja através de discussões, de trabalhos pontuais, ou de produção de artigos científicos. Nossa expectativa é ampliar o quadro de professores-pesquisadores e promover mais eventos ligados às nossas áreas de interesse. Além disso, o *podcast* HEMEPOL entre.vistas se prepara para a sua segunda temporada e mais um projeto de pesquisa se encontra em andamento. Desta vez, vamos atuar no campo da história das disciplinas escolares e da memória: *Contando as histórias que Núbia Borges (1927-2021) escreveu: memórias da primeira professora de espanhol do Rio Grande do Norte*. Nossa projeção é que, ao final do período de pesquisa, compartilhem os resultados em uma exposição sobre a trajetória dessa docente.

Com apenas um ano desde sua criação, vieram do HEMEPOL três artigos científicos ligados à Política Linguística/Glotopolítica, um artigo sobre a memória das disciplinas escolares e um livro publicado, ligado à Historiografia da Linguística – sem falar das palestras e outros eventos que sejam do interesse do grupo.

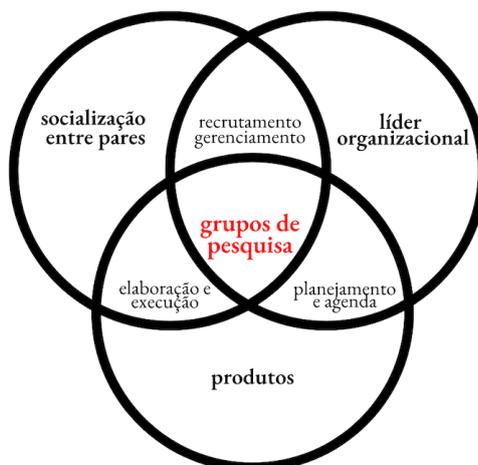
Interpretação

Do que foi exposto pelos professores-pesquisadores que compõem esse artigo, é possível extrair mais reflexões acerca da relação entre grupos de pesquisa e identidade profissional. Em primeiro lugar, a partir das “regularidades” entre os relatos, destaca-se o fato de que os docentes aqui mencionados sempre observaram grupos de pesquisa como possibilidade de conexão com outros investigadores brasileiros e estrangeiros. Noutras palavras, as experiências com esses grupos institucionais, desde muito cedo na carreira, já mostravam que a docência e a pesquisa dependem em grande medida da comunidade de outros pesquisadores cuja afinidade teórica corrobora resultados de pesquisa, com afirmações sobre um campo específico, com generalizações e/ou ponderações que, às vezes, são necessárias no mundo acadêmico. Nesse sentido, aprende-se que embora a sala de aula pertença a um único professor em um momento específico do seu ofício, ela também é reflexo de muitas vozes anteriores que tivemos em nosso repertório teórico e pessoal. Dubar (1997, p. 13) acrescenta que “o indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto de sucessivas socializações”.

Outra ideia presente nos três relatos reside na figura do líder organizacional desses grupos. Fica claro que, tanto para pesquisadores iniciantes quanto para os mais experientes, o líder gerencia/organiza, *grosso modo*, o funcionamento do grupo, atribuindo-lhe uma agenda própria e orientando outros trabalhos. O líder representa o grupo, ainda que não em sua totalidade. Consequentemente, a identidade de docente e de pesquisador passa a ser sedimentada pelo reconhecimento de que existem pares mais experientes, com os quais se pode aprender mais. Essa configuração identitária, dessa forma, nos faz perceber que embora essa identidade represente um construto processual, é nesse sentido de processo que, segundo Pimenta (1997), são consolidadas as opções e intenções da profissão.

Por último, outro destaque está na produção advinda da experiência com grupos de pesquisa. Sem exceção, de acordo com o relato dos três professores, a organização em grupos de especialidade gerou diversos produtos científicos, entre eles apresentação de trabalhos em grandes eventos acadêmicos, artigos e *podcasts*. De algum modo, isso confere aos integrantes ferramentas específicas para observar o próprio ofício a partir de ângulos que miram a significação social da profissão e a revisão crítica de sua significação social (Pimenta, 1999). Noutras palavras, a partir da experiência com produtos científicos, oriundos de grupos de pesquisa, podemos revisar a tradição do nosso campo de estudo, compreendendo, assim, sua historicidade no Brasil e suas perspectivas para o futuro. Assim sendo, os grupos de pesquisa e seus produtos se articulam à dinâmica das identidades docentes porque lançam mão da inovação, do confronto entre teoria e prática e da sistematização da prática a partir da teoria, como se perenemente uma iluminasse a outra. O diagrama abaixo sistematiza a relação que aqui analisamos:

Diagrama 1 - síntese do funcionamento de grupos de pesquisa, a partir dos relatos dos professores-pesquisadores



Fonte: os autores (2024)

A partir do diagrama acima, visualiza-se como um grupo de pesquisa pode estar organizado, sobretudo quando o baseamos na tríade explorada nos relatos dos professores-pesquisadores deste artigo – socialização entre pares, líder organizacional e produtos. Essa sistematização, para além de apresentar o funcionamento de um grupo de pesquisa, abre horizontes para a reflexão sobre identidades profissionais: as funções de cada pilar sedimentam modos de ver e de estar na pesquisa científica.

Outra tríade também pode ser relacionada a essa interpretação. O tripé universitário pesquisa, ensino e extensão, de algum modo, também é contemplado quando articulamos o fazer científico aos grupos de pesquisa. Assim, sigamos às considerações finais.

Considerações finais

Levando em consideração que a Universidade é um espaço crítico em relação aos saberes da Humanidade, bem como uma instância investigadora capaz de promover novos saberes e soluções para a vida social, é importante frisar que os grupos de pesquisa concretizam a vocação acadêmica das instituições universitárias para o indissociável tripé ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, quando se pesquisa dentro desses grupos de especialidade, de algum modo estamos articulando essas investigações com a sociedade, isto é, estendendo as reflexões oriundas da pesquisa ao âmbito do concreto, da ação, e também melhorando a qualidade do ensino, o que nos permite atuar de modo mais eficiente e consistente na formação de outras pessoas, seja de estudantes da educação básica, seja de novos profissionais de um campo específico.

Em suma, grupos de pesquisa ampliam nossos horizontes identitários porque dão sentido, a partir dessa relação tripartite, ao trabalho docente dentro e fora das universidades: a reflexão científica nos leva à ação e, posteriormente, a novas reflexões a partir da prática. Seguiremos, portanto, elaborando, produzindo, promovendo, realizando, compartilhando, ressignificando, contribuindo e resistindo no seio dos nossos grupos de pesquisas juntamente

com nossos pares, a fim de construir cada vez mais pontes e abrir novos caminhos para o ensino de línguas no Brasil.

Referências

ARRUDA, Larissa S.; CORREA, Fernanda P. ; LIMA, Rahissa O. ; GALLI, Joice. **Escolas Sem Muros**: narrativas sobre escolas da resistência, um relato do processo tradutório de uma obra além-fronteiras para o português brasileiro. *Humanidades e Inovação*, v. 9, p. 339-346, 2022a.

ARRUDA, Larissa; LIMA, Rahissa. **La base nacional comum curricular (BNCC) et la disparition de la langue française dans l'éducation de base brésilienne**. *Revista Letras Raras*, v. 11, p. 211, 2022b.

BATISTA, Ronaldo de O. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BLONDEAU, Nicole; BOY, Véronique; POTOLIA, Anthippi. (orgs.). **A escola sem muros**: uma escola da *reliance*. Joice Armani Galli et al (Trad.). Campina Grande: EDUFCG, 2021.

DEGN, Lise; FRANSSEN, Thomas; SORENSEN, Mads P.; RIJCKE, Sarah. Research groups as communities of practice: A case study of four high-performing research groups. **High Education**, 76, 231-246, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s10734-017-0205-2>. Acesso em: 15 ago. 2024.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

FELDMAN, Allan; DIVOLL, Kent A.; ROGAN-KLYVE, Allyson. Becoming researchers: The participation of undergraduate and graduate students in scientific research groups. **Science Education**, 97(2), 218-243, 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1002/sce.21051>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GALLI, Joice Armani; SANTOS, Lorena. Tornar-se professor de francês no Brasil: a experiência do projeto les crabes para a implementação de políticas públicas linguísticas. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Línguas e culturas em contato nº 53, p. 379-401.

GALLI, Joice Armani; AUBIN, Simone P. B.; LIMA, Rahissa O.. O ensino de francês língua estrangeira nas escolas públicas: ações para políticas linguísticas na rede municipal de Recife. In: Wellington Pinheiro dos Santos... [et al.]. (Org.). **Cadernos de Extensão**. 1ed. Recife: PROEXT-UFPE & Ed. Universitária da UFPE, 2014, v. 3, p. 330-340.

LIMA, Rahissa O.. **A Língua Francesa no CAC - UFPE e sua interface com o manual REFLETS**. *Ao Pé da Letra* (UFPE. Online), v. 14,2, p. 77-94, 2012.

LÓPEZ-YÁÑEZ, Julián; ALTOPIEDI, Mariana. (2015). Evolution and social dynamics of acknowledged research groups. **High Education**, 70, 629-647, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s10734-014-9835-9>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.52, e08532, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1590/198053148532>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MEC. **Manual de Orientações Básicas – PET**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PET/pet_manual_basico.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

MURRAY, Stephen. **Theory Groups and the Study of Languages in North America: a social history**. Amsterdam: Benjamins, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do professor: uma experiência de ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, M.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). **Alternativas do Ensino de Didática**. Campinas: Papyrus, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividade docente. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes da docência**. São Paulo: Cortez, 1999.

REICHMANN, Carla. Tecendo o gênero profissional: o estágio como prática de letramento docente e formação identitária. In: MEDRADO, B. P.; REICHMANN, C.L.(org.) **Projetos e práticas na formação de professores de língua Inglesa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p.101-124.

SHOULSON, Ira. Sociology of collaborative research groups. **Amyotrophic Lateral Sclerosis and Other Motor Neuron Disorders**, 5(1), 2014, 118-120. Disponível em <https://doi.org/10.1080/17434470410019825>. Acesso em: 15 ago. 2024.

Recebido em 18 de agosto de 2024
Aceito em 15 de setembro de 2024